



A. Estado, Poderes e Sociedade
 B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões
 C. Educação e Desenvolvimento
 D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes
 F. Família, Género e Afectos
 G. Teorias, Modelos e Metodologias
 Sessões Plenárias

“PELAS LINHAS DO CÉU”: O OFÍCIO DE ASTRÓLOGO EM OBSERVAÇÃO

Mafalda Cardim, Ana Delicado e João Silva Nunes

Enquadramento

A presente comunicação é baseada num trabalho de investigação realizado no âmbito do seminário de investigação da licenciatura em Sociologia pela UNL — FCSH. Sendo o tema de trabalho a análise da produção astrológica, os objectivos iniciais não passavam pela truncagem do consumo desta prática, entendido como parte essencial para a compreensão das dinâmicas geradas. Contudo a exequibilidade do projecto passou pela opção de restringir o objecto à produção astrológica em Lisboa.

Pertinência do tema

A verbalização da nossa motivação para a escolha deste tema não passa, como é notório, por qualquer tipo de preocupação premente de ordem social, leitura de jornais, ou mesmo de um interesse teoricamente informado. Antes deriva da opção por um tema sociologicamente inusitado — e eventualmente difícil porque recôndito no espaço social e no aparelho teórico da Sociologia. Dir-se-á, citando Bourdieu, que nos interessou a “capacidade de constituir objectos socialmente insignificantes em objectos científicos”, ou seja “pintar bem o medíocre”, assumindo-se a Astrologia como um discurso concorrente (mas rejeitado) ao discurso científico.^[1]

Considerações metodológicas

A pesquisa empírica associada a esta investigação começou por um recenseamento do universo dos indivíduos que se anunciavam ou se apresentavam como astrólogos, através da publicidade em meios de comunicação, de listas telefónicas, de indicações pessoais e das instituições que foram encontradas. Deste universo de cerca de 70 indivíduos, que não é de modo algum um número definitivo e se restringe a Lisboa cidade, foram sorteados e entrevistados 22 indivíduos, quase tantos como os que se negaram à aproximação dos investigadores. As entrevistas transcritas foram então analisadas por processos de análise de conteúdo temática e estrutural. É da junção destes resultados à teoria que resulta a informação contida nesta comunicação.

Adaptação à temática do congresso

De uma investigação bastante abrangente procurou-se seleccionar trechos relevantes para a temática do presente congresso, as dinâmicas de mudança social. Desta forma pretende-se pôr em destaque os processos de transformação a que esteve e está sujeita a profissão de astrólogo, não descurando todavia as permanências. Não se deixou de notar, como abaixo se verá, que algumas das alterações registadas se revelaram fictícias. Como tal ressalta um desfaseamento entre a continuidade dos conteúdos astrológicos e as sucessivas rupturas das formas como estes conteúdos são apresentados.

Por forma entendemos, neste caso, o aparato que rodeia a consulta de Astrologia, o enquadramento institucional, a apresentação do profissional, enfim, diversas dimensões do habitus astrológico, que reveste o núcleo da própria prática, o chamado conteúdo. Considera-se também que o estudo da profissão de astrólogo, pelo contacto permanente com

diversas franjas da sociedade e, sobretudo com a sensibilidade às suas inquietações, permite inferir considerações sobre tendências macrossociais. A Astrologia é entendida assim como um barómetro social.

A continuidade: conteúdos idênticos

Se a prática astrológica esteve sujeita a mudanças significativas, tanto do século XVII até à actualidade, como ao longo de todo o século XX, essa mudança só pode ser pensada atentando primeiro nas continuidades encontradas ao longo dos períodos referidos. Dessas continuidades destacam-se duas dimensões: a carta astrológica (entendida como instituição astrológica) e o sistema de conhecimento astrológico, baseado no postulado da influência dos astros sobre os acontecimentos terrenos.

A carta astrológica apresenta-se como uma constante no trabalho do astrólogo (como uma instituição astrológica), pelo menos do século XVII à actualidade. Esta presença prolongada é inclusive reificada atribuindo-se a sua criação a origens míticas temporalmente duvidosas. Sendo a representação gráfica das posições planetárias face às constelações do Zodíaco, assume-se como o instrumento básico de trabalho do astrólogo e, mais do que isso, como uma materialização, um instrumento de medida das influências dos astros, constituindo a dimensão objectivada desta influência, fazendo assim uma aproximação ainda que formal aos sistemas de medida científicos. O sistema de conhecimento astrológico sofre também uma reconstituição mítica de tipo *regretio ad infinitum*, fazendo-se remontar a sua construção a vários povos da antiguidade. Embora o uso e a interpretação da influência dos astros vá variando, assumindo contextualmente diferentes formas, o princípio básico perpetua-se. Hoje como ontem os astrólogos são profissionais do destino, da leitura do futuro nos astros.

Actualmente destaca-se um conjunto de características referentes às práticas e discursos do conjunto dos astrólogos observados que importa referir por serem partilhadas generalizadamente, uma modalidade de continuidade não no tempo mas no espaço social, ou seja transectorial no conjunto dos astrólogos observados. Destes faz parte um património comum relacionado com um capital de técnicas, que passa pela definição de um conjunto de cálculos para elaboração da carta astrológica (definição essa sempre sujeita a variações de estilo), instrumentos que definimos acima como instituições astrológicas; e pela utilização mais ou menos intensiva de outras técnicas divinatórias. Um capital de referências (correntes astrológicas, história da Astrologia, New Age, sabedoria popular, religiões orientais) implicado na legitimação da actividade astrológica à medida do campo científico, ou seja, constituído por um acervo de informação teórica condicente com a prática de estudo referida e valorizada generalizadamente. Um conjunto de crenças tais como o destino, o electromagnetismo, o karma, o holismo, a transcendência, quase sempre presente nos discursos, estreitamente ligado aos princípios de organização do sistema de conhecimento astrológico. Um código linguístico decorrente do conjunto de influências acima referido, com importações de áreas científicas como a astronomia ou a matemática (geometria), criando um vocabulário de aparência científica e impenetrável a leigos.

A ruptura, visível a dois planos

É tanto no que respeita à interacção campo da Astrologia/campos do poder, como no que se refere ao habitus astrológico, que se produzem as mais significativas alterações. Se relativamente ao primeiro plano o espectro de observação vai do século XVII ao século XX, num movimento diacrónico, os habitus são apenas analisáveis nos praticantes actuais, numa dinâmica sincrónica.

A Astrologia face ao Estado e à Ciência: o primeiro plano

A relação entre a Astrologia, um campo dominado, e os campos dominantes das Classificações Legítimas (Estado) e da Ciência, em muito enforma as condições para a prática do ofício de astrólogo. Tomando o século XVII como momento de viragem nesta relação, será interessante contrapô-lo à actualidade para ilustrar as transformações que o ofício sofreu, baseando-nos nas contribuições

de Peter Wright e Keith Thomas. ^[2]

Ao contrário de outras profissões, nomeadamente as associadas à Ciência, como a medicina, que responderam à construção do Estado moderno auto-organizando-se sob a sua alçada, a Astrologia permaneceu uma actividade bastante livre e não regulamentada, sem instituições de ensino monopolistas, sem restrições à entrada e ao exercício da profissão, praticamente sem controlo do Estado. Esta situação ainda hoje se mantém não se podendo considerar a Astrologia como uma profissão, mas antes como um ofício. A única manifestação do Estado resume-se à

colecção tributária, comum a qualquer actividade económica. A função de classificação e rotulagem, patente numa Classificação Nacional das Profissões, associa-a um conjunto variado de serviços pessoais, regulados apenas pelo Direito Privado. Consequentemente, a acção do Estado está longe de se exercer sobre os conteúdos das práticas astrológicas.

A regulação interna também pouco progrediu, no caso português. Ao contrário de outros países europeus ou dos Estados Unidos, não existe uma associação que reúna os profissionais ou que de alguma forma regule a actividade. A aprendizagem é em larga medida autodidacta. Os limites éticos são puramente pessoais e mesmo o interconhecimento parece ser muito ténue e segmentado entre os astrólogos que reconhecem praticar o mesmo tipo de Astrologia. Isto associa-se a um discurso de constante cariz individualista. Porém, alguns indícios de institucionalização do campo se esboçam. As organizações presentes no campo primam por um grande ecletismo no que toca a uma cultura alternativa esotérica, que inclui desde consultas de medicina chinesa a aulas de yoga, refeições macrobióticas, conferências sobre a Atlântida. Nos espaços dedicados à Astrologia manifesta-se uma tentativa de estabelecer regras à actividade, quer pelos currículos das aulas, quer pela selecção dos profissionais que ministram as consultas, cursos ou palestras nas suas instalações. O conteúdo que aí é reproduzido e transmitido segue geralmente os princípios da “psico-Astrologia”, aparato de novos termos para encobrir as velhas fórmulas da Astrologia tradicional. E é de ganhar uma aparência científica que trata esta corrente, afastando os seus seguidores das práticas e praticantes tradicionais, próximos à magia e à adivinhação. Esta estratégia remete de novo para o século XVII, altura em que a Ciência e Astrologia se separam. De uma base de aceitação mútua e semelhança de procedimentos, a primeira envereda pelo caminho da auto-regulamentação e legitimação pelo Estado, patente na sua presença em escolas, universidades, museus, academias e até ministérios; a segunda mantém-se afastada desses mecanismos de legitimação.

É nesse exemplo da Ciência, dominante no pensamento moderno, que a Astrologia do século XX se vai inspirar para reformular a sua aparência e simular uma legitimidade que não lhe é conferida. Os novos astrólogos usam os instrumentos da Ciência (computador, tabelas astronómicas da NASA...), o vocabulário da Ciência, elementos esparsos e de associação duvidosa provenientes de teorias científicas (nomeadamente uma miscelânea de Psicologia com Física Quântica), as práticas da Ciência (investigação, congressos, revistas de divulgação), até se introduzem nos espaços de transmissão do saber da Ciência (por exemplo, a “faculdade” de Astrologia de Paris que funciona numa sala alugada da Sorbonne). A um leigo, a verdade astrológica pode ser vendida como verdade científica.

Para além desta polarização à Ciência, a Astrologia pretende ainda transcendê-la. As suas ligações ao oculto dão vazão a supostas necessidades místicas sentidas pelos indivíduos, não cobertas pela “frieza” científica, parte desta ideologia alternativa e das suas profecias para o futuro, a *New Age*.

Habitus, novas roupagens para uma velha profissão: os traços dos novos astrólogos

O campo da Astrologia em Portugal sofreu ao longo do último século alterações significativas, tanto mais quanto ao que se refere aos habitus dos agentes nele envolvidos. Da observação realizada ficou patente que mudanças estruturais na sociedade portuguesa foram acompanhadas por equivalentes nos modos de praticar Astrologia e, principalmente, em quem pratica Astrologia. Grande parte dos entrevistados reflectem nos seus discursos temporalidades que em muito ajudaram a caracterizar os movimentos de entrada no campo e a partir daí estabelecer dois momentos que cindem por sua vez as práticas, os habitus. São eles o pré 25 de Abril e os astrólogos que então iniciaram a sua actividade, o 25 de Abril e os astrólogos que desde aí entraram no campo, possivelmente também influenciados pelo movimento internacional contracultural dos anos 60. Esta cisão revelou-se bastante significativa já que o primeiro grupo mostrou uma tendência bastante menos institucionalizante que o segundo, salvo algumas excepções para ambos os lados. O 25 de Abril, ou antes, as temporalidades da sociedade portuguesa produziram diferentes estratégias no campo astrológico. O segundo grupo de astrólogos apresenta um maior grau de escolarização (com um grande número de licenciaturas), controlando com facilidade os diferentes vocabulários científicos. Nisto opõe-se ao primeiro grupo, cuja atracção e relação com o campo científico se traduz mais numa encenação dos estereótipos de Ciência (de Ciência positiva) do que numa compreensão dos códigos que esta mobiliza.

Desta proximidade diferencial dos dois grupos ao campo científico, nasce um paradoxo. O segundo grupo, mais próximo da Ciência legítima (por formação escolar) ensaia um afastamento e negação desta como forma de autonomizar a própria identidade da Astrologia, aproximando-a do exotérico. Contudo, a proximidade à Psicologia faz rever todo o esquema de consulta praticado pelos “velhos astrólogos”. Assim, se há 30 anos a diferença entre o bruxo, o adivinho e o astrólogo era retórica, sendo estas designações confundidas pelos praticantes, hoje a nova geração de astrólogos defende a sua identidade astrológica, afastando-se do bruxo.

Se o bruxo, ou antigo astrólogo, procurava uma legitimação da sua actividade no carisma inato

referindo-se a um dom de origens mais ou menos divinas, hoje os astrólogos procuram cada vez mais legitimar-se pelo esforço e estudo, apelando nomeadamente ao conjunto de credenciais adquiridas, dentro e fora do campo.

		Legitimidade
		dom / esforço
origem =	inato / adquirido	
exterioridade =	linear / circular	
interioridade =	imanente / transcendente	
		Singularização

Na consulta, as mudanças fazem-se sentir na preocupação reflexiva pelo self, traduzida na necessidade de auto-aperfeiçoamento, afastando crescentemente os novos astrólogos do modelo de adivinhação por que era conhecida a Astrologia. O que parece importar hoje em dia não é tanto a aparatosa “futuurologia”, mas antes a reflexividade biográfica dos clientes, uma análise abstracta e psychologizante, embora sempre com o suporte da carta astrológica. Abandonada a lógica da fortuna, os astrólogos desejam incentivar o autoconhecimento para a pilotagem do quotidiano, numa aproximação ao esquema de funcionamento da Psicologia. Desvaloriza-se cada vez mais a intervenção concreta sobre a vida dos clientes, seja sob a forma de mezinhas e bruxedos, seja através de prognósticos finalistas sobre o futuro. O novo astrólogo tem medo das profecias auto-realizadas.

modelo 1

		Oferta
e 18	o que é dado	+
	ajudar a atingir metas, ser	
	como psicólogo,	
Analítico =	autoconhecimento para a	= abstracto
	felicidade, sonegar informação	desenvolvimento interior e das célula do desejado
+	para pessoas não preparadas,	potencialidades, símbolos e -
	não perturbar as pessoas,	não respostas, Astrologia
	discurso para pessoas com	humanista, cliente protagonista
	cultura	
Procura: o que os		o que os clientes
Cientes querem	Respostas taxativas, resolução	perturbar clientes, interferir não querem
	de problemas concretos,	numa decisão pessoal
	conhecer o futuro, cliente	
	espectador	
+		-
concreto =		= interventor
-	o que não é dado	-
		Procura

modelo 2

		oferta
e 3	+	o que é dado
		+

conselho		minicarta astral	análise
Astrologia mesclada =	Conselhos para resolver	Astrologia	= Astrologia só
com outras actividades	problemas	empurrar as pessoas para	célula o desejado
+	desenvolvimento da carta astral	resolver os seus problemas	–
	outras técnicas divinatórias	perder tempo a explicar a	
o que os		personalidade	o que os
Oferta clientes			clientes não
concreto = querem	milagres/resolver os problemas	(não tratar da resolução de	querem = abstracto
	arranjar um culpado para os	problemas)	
	problemas	(produzir uma acção a longo	
+	resultados imediatos	prazo)	-
	ser enganadas		
solução exterior =	alterar os horóscopos		= solução interior,
			Astrologia
			Humanista
		- o que não é dado -	

A resolução de problemas estabelece-se assim como um ponto fulcral de definição destes dois tipos de astrólogos, bem como a diferença entre os astrólogos que praticam exclusivamente Astrologia e aqueles que mesclam várias práticas do oculto. Como se pode observar nas duas árvores cruzadas, a tensão entre o que é oferecido e o que é pretendido pelos clientes é resolvida de formas diferentes. Se o astrólogo amador se considera independente da procura, o profissional tem de lhe fazer concessões encontrando-se por isso constrangido. Não obstante surgem novas razões de procura do astrólogo, novos públicos, alargando ainda mais uma clientela por definição transclassista. Por último, conseguimos, através da percepção de si de um conjunto de entrevistados, deduzir e definir os contornos dos diferentes tipos de astrólogos. Se tradicionalmente o astrólogo tem de si uma percepção solipsista, ou seja, individualista e isolacionista face aos seus pares, definindo-se como “lobo solitário”, cada vez mais aparecem astrólogos que funcionam em “alcateia”. Estes são os que estão implicados no ainda fraco movimento de institucionalização do campo, apresentando uma tendência forte para o associativismo, para o gregarismo. São os mesmos que praticam uma Astrologia de tipo Humanista, deixando o papel do adivinho para abraçar o de conselheiro psicológico.

Hierarquia (percepção de si)

		Posição de dominação	
e15 §	Lobo solitário, gostar do seu	(Alcateia), (partilhar o território)	
e1§22	território (e1§22)	(vida menos tramada), (tipo de	
e17§9	vida um bocado tramada, não	pessoa que se agrupa, ou faz	
	ser pessoa de se agrupar, ou	estudos em grupo), (gostar de	
Singularidade	fazer estudos em grupo, gostar	fazer coisas acompanhado),	
Solipsismo =	de fazer coisas sozinho, isolar-se, pesquisar por si	(não se isolar), (pesquisar em grupo)	= Gregarismo
Individualismo			Associativismo

	(Ovelha negra)	(Rebanho)	
	marginalizada	(integrado)	
	ressentimento com a	(sem ressentimento com a	
	comunidade, tenta	comunidade), tentam ajudar	
Disfuncionalidade =	vingar-se de toda a gente,	toda a gente, vampirizadas, têm = Funcionalidade	
	(vampiriza as pessoas), (faz	doenças e desgraças, sofrem, Banalidade	
	doenças e desgraças), os	arranjam problemas a si	
	clientes sofrem, arranjam	mesmas	
e1,§58	problemas aos outros		e1,§58
		Posição de subordinação	

Conclusão

Por mais que os praticantes se tentem adaptar à modernidade, assumindo camaleonicamente os seus traços, os conteúdos da Astrologia permanecem inalterados. Mau grado o esforço de aproximação ao campo científico e de angariação de respeitabilidade, não é de prever uma mudança radical do seu estatuto na sociedade. Os pressupostos básicos, inferência e dedução, aceites na comunidade científica para a definição de Ciência, ainda que discutíveis, não são incluídos pela Astrologia. Como tal, a Astrologia permanece uma fonte de explicações exógenas e desculpabilizantes a que as pessoas recorrem nos seus processos de reflexão sobre o self, intrinsecamente endógenos, e portanto, psicossociais.

[1] Bourdieu, Pierre, *O Poder Simbólico*, Lisboa, 1989, Difel

[2] WRIGHT, Peter, 1975, "Astrology and Science in seventeenth century England", *Social Studies of Science*, vol. 5, pp. 399-422

WRIGHT, Peter, 1979, "A study in the legitimization of knowledge: the "success" of medicine and the failure of astrology", *Sociological Review Monograph*, nº 27, pp. 85-101

THOMAS, Keith, 1971, *Religion and the decline of magic*, London, Weidenfeld & Nicholson, cap. 10 e 11